



ARTIGO DE REFLEXÃO

O CUIDADO DE SI NO CONTEXTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

SELF-CARE IN THE CONTEXT OF THE PERSON WITH DEFICIENCY

EL CUIDADO DE SÍ MISMO EN EL CONTEXTO DE LA PERSONA CON DEFICIENCIA

Juliana Balbinot Reis Girondi¹
Silvia Maria Azevedo dos Santos²

RESUMO: O dimensionamento da deficiência no Brasil é difícil em razão dos poucos dados e informações disponíveis de abrangência nacional. Trata-se de um tema relevante no âmbito da saúde pública, embora a assistência a essa população se insira marginalmente no sistema de saúde. O artigo objetiva, a partir do pensamento de Michel Foucault, considerar a problemática da pessoa com deficiência e a ética do cuidado de si no processo de subjetivação e na arte da sua existência. Dedicou suas reflexões também na contextualização da deficiência ao longo da história até a contemporaneidade. Concluiu-se ser necessário romper com o conceito de subjetividade, em defesa de uma perspectiva do cuidado de si, enquanto uma instância que oportuniza a relação e o desenvolvimento da pessoa com deficiência consigo e com os outros. Dessa forma, permitindo-se novos modos de viver e de pensar sobre si mesmo.

Descritores: Enfermagem; Ética; Pessoas com deficiência.

ABSTRACT: *The dimensions of disability in Brazil is difficult because of limited data and information available nationwide. This is an important issue within public health, although health care to this population falls marginally in the health system. The article aims, from Michel Foucault concept, to consider disabled person's issues and the subjectivity process of self-care ethics and the art of one's existence. Also devotes his reflections on the disability context throughout history until nowadays. It was found necessary to break with the subjectivity concept of, defending a view of self-care, while an instance that nurture the relationship and the development of the disabled person himself and with others. Thus, allowing up new ways of living and thinking about oneself.*

Descriptors: Nursing; Ethics; Disabled persons.

RESUMEN: *Las dimensiones de la discapacidad en Brasil son difíciles debido a la escasez de datos e informaciones disponibles a nivel nacional. Este es un tema importante en el ámbito de la salud pública, aunque la atención de salud a esta población se insiera marginalmente en el sistema de salud. El artículo tiene como objetivo, a partir del pensamiento de Michel Foucault, considerar los problemas de la persona con discapacidad y la ética de cuidar de sí mismo en el proceso de la subjetividad y el arte de su existencia. También dedica sus reflexiones sobre el contexto de la discapacidad a lo largo de la historia hasta el presente. En la conclusión se percibe necesario romper con el concepto de la subjetividad, la defensa de una visión de cuidado de sí mismo, mientras que una instancia que nutren la relación y el*

¹ Enfermeira. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Enfermeira do Hospital Universitário da UFSC e da Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis, Florianópolis, Santa Catarina. Membro do Grupo de Estudos sobre Cuidados em Saúde de Pessoas Idosas (GESPI/UFSC). E-mail: julibreis@hotmail.com

² Doutora em Educação, Docente do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina. Líder do Grupo de Estudos sobre Cuidados em Saúde de Pessoas Idosas (GESPI/UFSC). E-mail: silvia@nfr.ufsc.br



desarrollo de la persona con discapacidad sí mismo y con los demás. Por lo tanto, lo que permite nuevas formas de vivir y de pensar sobre sí mismo.

Descriptor: Enfermería; Ética; Personas con discapacidad.

INTRODUÇÃO

Este estudo reflexivo tem como foco central de análise a questão da pessoa com deficiência e a ética do cuidado de si, tendo como base teórica principal a obra "História da Sexualidade 3: o cuidado de si", de Michel Foucault. A ética do cuidado é um exercício de vida que deve acontecer em todo processo da nossa existência; é um princípio de desenvolvimento pessoal e social, assim, nessa relação estão intrinsecamente nossos deveres para com a humanidade.¹ Ocupar-se consigo exige uma prática de atividades diversas e em interatividade com os outros, o que nos remete a reflexão de que essa não é uma prática individualista, mas uma prática social onde o sujeito busca a soberania sobre si, indispensável para as relações que mantém no meio social.¹

A linha teórica percorrida baseia-se nos pensamentos foucaultianos, porque Foucault é um dos principais autores a tratar das tecnologias do eu e do cuidado de si. Suas proposições consistem na tentativa de elucidar em que medida o trabalho de pensar a sua [ou a nossa] própria história pode liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente e permitir-lhe pensar diferentemente.²

Continuamente se observa que o corpo tem sido alvo de inúmeras modificações que o transformam, o que leva o ser humano ou o indivíduo a resignificá-lo. Assim, é importante salientar, as transformações que vêm ocorrendo sobre o que significa o cuidar de si. No tempo presente parece que a "alma" não tem importância, sendo apregoado o culto ao corpo. Logo, parece que essa é a melhor forma de cuidar de si, de afirmar-se e ser feliz.³ Isso evidencia a generalização do corpo como o lugar privilegiado do "cuidado de si", daí emerge o vazio e a superficialidade, que aliados ao consumismo exacerbado atingem a sociedade como um todo.

Neste contexto, conceituar deficiência torna-se uma tarefa difícil e complexa. E se, conceituá-la é uma atividade complexa, estudá-la é adentrar num universo ainda pouco explorado. O universo das pessoas com deficiência é muito mais extenso do que se costuma averiguar quando a deficiência é contabilizada em função apenas da um grave comprometimento da capacidade visual, auditiva, intelectual ou motora. Logo, percebe-se que essa condição continua marcada por concepções e práticas do passado que enfatizam a incapacidade e a anormalidade. É justamente através das desordens do corpo que procura-se refletir que ser deficiente é experimentar intersubjetivamente uma vida em que a suposta harmonia do corpo é colocada à prova.

Dessa forma, a discussão sobre cuidados de si e formas de subjetivação emerge na obra de Foucault como uma terceira dimensão de problematização voltada à questão central do seu pensamento: como nos tornamos o que somos. Para o autor, era preciso considerar algo além das relações de poder/saber, não como uma exterioridade a estes, mas como uma relação da força consigo, no sentido da constituição de um si, de relação a si (enquanto o poder era a relação da força com outras forças). A relação da força consigo constitui modos de existência, modos de viver. Esses modos são formas de subjetivação. Entretanto, para que a força afete a si mesma, produzindo estilos de vida, são necessários procedimentos, exercícios, tecnologias cotidianas que transformam as possibilidades de vida.⁴ Por isso, as pessoas com deficiência precisam e devem ter acesso a estes processos que permeiam o seu viver. Isso seria um importante fator para diminuir as iniquidades em saúde.⁵

Para se compreender e conhecer o ser humano é necessário estudar os domínios ou eixos nos quais o sujeito se constitui: o poder, o saber e a ética, ou dito de outra forma,

as relações com os outros, com a verdade e consigo mesmo.⁶ Nesses domínios se exercem práticas de dominação e práticas de liberdade. O estudo de tais práticas - a ontologia histórica de nós mesmos - nos indica como fomos constituídos. Essa ontologia de nós mesmos não pode ser considerada como uma teoria ou doutrina nem mesmo um corpo de saberes temos que considerá-la como um *êthos*.³

Portanto, este artigo objetiva, a partir do pensamento de Michel Foucault, considerar a problemática da pessoa com deficiência e a ética do cuidado de si no processo de subjetivação e na arte da sua existência. Dedicou suas reflexões também na contextualização da deficiência ao longo da história até a contemporaneidade, uma vez que é necessário reconhecer a sua própria história para repensar sobre os significados e o cuidado de si que emerge desse contexto.

A deficiência ao longo da história

Na Antiguidade clássica, a deficiência inexistia enquanto problema, mas na Esparta, as crianças com deficiências eram eliminadas ou abandonadas.⁷

Na Europa, durante a Idade Média, difundiu-se a Inquisição Religiosa que sacrificava, alegando que estes eram possuídos pelo demônio.⁸ Gradativamente, a concepção de deficiência variou em função das noções teológicas de pecado e de expiação⁷, atribuída ora a designios divinos, ora à posseção pelo demônio. A sociedade punia essas pessoas com aprisionamento, tortura e outros castigos severos.⁹

Com o início da Revolução Burguesa (final do século XV) delineia-se uma característica humanista com a formação dos Estados Modernos e uma nova divisão social do trabalho. Começam a ser vistos como deficientes os indivíduos não produtivos, que oneram a sociedade no que se refere ao seu sustento e manutenção.⁹ Logo, o deficiente é segregado da sociedade. Cabe ressaltar que tal período trouxe avanços no campo da reabilitação física e alguns estudos sobre o ensino da linguagem aos surdos-mudos, entre outros.¹⁰

Com o avanço da Medicina a demência e a deficiência passam a ser vistas como problema da área da saúde que deveriam ser cuidados e tratados pelos médicos. Começam a surgir os primeiros hospitais psiquiátricos, como locais para confinar. Na eventualidade de tratamento, este se constituía do uso da alquimia e da magia.⁷

Na Idade Moderna há uma franca expansão da industrialização e do capitalismo de produção. Estuda-se a deficiência enquanto fenômeno, sendo essa institucionalizada em conventos e hospícios ou encaminhada ao ensino especial. Surgem formas de se classificar a deficiência, sob o foco do modelo biomédico, na perspectiva de patologia, doença, medicação e tratamento.

Embora o próprio Foucault tenha demonstrado que a Medicina tornou-se uma Medicina social é sobre o corpo dos indivíduos que as tecnologias do social são aplicadas, disciplinando-os, regulando-os e potencializando-os como força produtiva.¹¹ A passagem para o que Foucault designa como a sociedade disciplinar, com suas práticas higienistas, altera a perspectiva sobre estes corpos, que tornam-se força de trabalho. Nesse contexto, urge uma nova maneira de lidar com estes corpos e de encarar a deficiência. A necessidade de manter saudável a população de produtores, de controlar a doença em escala social, construirá uma nova abordagem da condição da pessoa com deficiência. Através das mudanças nas relações de forças, produz-se uma nova subjetividade.

³ *Êthos*^{9:351} uma vida filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua transgressão possível.

No século XIX, o modo de produção capitalista continua a se fortalecer mantendo o sistema de valores e de normas sociais. A atitude de responsabilidade pública pelas necessidades do deficiente começa a se desenvolver.

O que aconteceu foi uma inversão na ordem dos princípios do 'cuidado de si mesmo' e 'conhecer-te a ti mesmo'. Na cultura greco-romana, o conhecimento de si aparece como consequência do cuidado de si. No mundo moderno, o conhecimento de si constitui o princípio fundamental.^{12:786} Os deslocamentos da subjetividade, os acontecimentos sociais e políticos foram dando ao 'cuidado' maior ou menor visibilidade a esse aspecto da experiência humana.¹³

Na Idade Contemporânea, surge a abordagem filosófica do homem onde as atitudes para com os portadores de deficiência lentamente vão sendo modificadas por posturas de construção de um modelo sócio-constructivista. O presente vê crescer e fortalecer as idéias de uma nova ética baseada na visão de substituição de caridade e assistência pela integração.¹⁴ Assim, as pessoas que apresentam uma disfunção ou inadaptabilidade individual acabam por gerar ações governamentais ou de parte da sociedade civil organizada, marcada por uma intervenção social.¹⁵

É esse sujeito definido a partir da sua deficiência, do seu desajuste, que está sendo alvo de políticas públicas, que estão pautadas nos discursos de inclusão/exclusão social. O termo exclusão foi utilizado por Foucault como sinônimo de banimento, reclusão, expulsão; estando a exclusão diretamente relacionada às formas de distribuição de poder, encontrando-se o termo ligado a controle social e disciplinar, circulação de poder e constituição de hierarquia. Este autor chamou atenção para as diferentes modalidades segregadoras, iniciando discussões sobre o significado da segregação social, o que tem se ampliado nas últimas décadas.¹⁶

Interessa, pois compreender a construção da normalidade a partir da sua relação com a deficiência. A normalidade é o local onde a possibilidade de governar os corpos se materializa, pois, considera os sujeitos a partir da normalização, possibilitando o controle, e exercendo o bio-poder, o poder sobre a vida.¹⁶

Aproximando-se dos estudos de Foucault, é possível problematizar a naturalização da deficiência no interior das políticas públicas. A desnaturalização da normatividade dos corpos acompanha a contestação da própria idéia de deficiência. Com efeito, os estudos sobre a deficiência têm vindo a contestar o modelo médico como definidor e que tende a centrar-se no indivíduo, contrapondo com uma contextualização social, que permite dar conta dos processos de construção cultural da deficiência.¹⁷

Nesse contexto, surge nos últimos anos de grupos de portadores de deficiências, os quais estimulam a formação de bioidentidades sociais, construídas a partir de uma doença determinada. Como consequência, o conceito de deficiência releva o de doença, referindo-se a déficits a serem compensados socialmente e não a doenças a serem tratadas. O objetivo de incorporar o maior número de pessoas está na base da biopolítica, cujos grupos se distinguem precisamente pelas deficiências a serem compensadas - da pessoa com deficiência frente ao indivíduo fisicamente normal. A política se dissolve em políticas particulares que aspiram compensar as deficiências de um grupo biopolítico determinado, cuja uma das consequências é o esquecimento de ideais sociais mais abrangente.¹⁸

Constata-se que os conceitos relativos à pessoa com deficiência têm evoluído com o passar dos tempos, acompanhando de uma forma ou de outra, as mudanças ocorridas na sociedade e as próprias conquistas alcançadas pelas pessoas com deficiência.¹⁹

Em 1999, através do Decreto n° 3.298 (20/12/1999), instituiu-se a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Mas no Brasil, foi somente a partir de 2002 que estas questões passaram a ter maior visibilidade, tendo em vista que foi neste ano que fora criada a Portaria MS/GM n° 1.060 (05/06/2002), que aprova a



Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência. A presente Política Nacional tem como propósito reabilitar a pessoa portadora de deficiência na sua capacidade funcional e desempenho humano - de modo a contribuir para a sua inclusão plena em todas as esferas da vida social - e proteger a saúde deste segmento populacional, bem como prevenir agravos que determinem o aparecimento de deficiências. Além disso, o alcance do propósito desta Política requer a criação de ambientes favoráveis à saúde das pessoas portadoras de deficiência e a adoção de hábitos e estilos saudáveis, tanto por parte destas pessoas, quanto daquelas com as quais convivem, os quais constituem condições indispensáveis para a qualidade de vida buscada por esse processo.

Enfim, percebe-se que tanto as políticas públicas quanto às práticas de abordam a questão da diferença a partir do olhar da normalidade. E é nesse contexto que a pessoa com deficiência está inserida.

O cuidado de si e a deficiência

Geralmente ao se mencionar a pessoa com deficiência são avaliados e considerados apenas seus aspectos orgânicos e funcionais, não levando em consideração quem é esse ser humano, como ele exercita o cuidado de si, como interage com os outros e o meio ao longo de seu desenvolvimento, quais são suas práticas sócio-culturais, entre outros aspectos. Na perspectiva foucaultiana² seria de se refletir e buscar conhecer como esse indivíduo pensa sua própria história e significa sua vida como deficiente.

A ética do cuidado nos propõe lançar um olhar diferenciado sobre essas pessoas, pois para compreender a singularidade de cada ser é necessário o conhecimento da sua história enquanto pessoa. A ética do cuidado oportuniza a convivência e o diálogo com as diferenças, o que propicia uma maior liberdade de experimentação e de criação no processo de cuidar/cuidar-se.

Uma conclusão inevitável de se pensar em Foucault, é a de que sua intenção é mostrar que a ética que gira em torno das técnicas de subjetivação, ou seja, a cultura de si; constitui-se como uma elaboração ética de si, é uma construção artesanal calcada em exercícios e trabalhos regulares; sem, exatamente, uma coerção às leis civis ou religiosas. Logo, não está indicando uma ética universal e normativa, sua reflexão aponta para uma possibilidade de poder adotar um estilo próprio de subjetivação.

O cuidado de si é uma forma de conexão entre a história da subjetividade e as formas de governabilidade. Assim, o exercício do cuidado de si está ligado ao poder e à governabilidade, ambos intrinsecamente ligados à ética. Logo, a ética é uma forma de subjetivação. É o processo através do qual criamos novas formas de existência e vínculos, ela emerge a partir da consciência de si, ou seja, como nos sentimos e estabelecemos relações e conexões com o mundo que nos cerca. A ética se estabelece através de uma série de procedimentos que são propostos e prescritos aos indivíduos, em todas as civilizações, para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de um fim. As práticas sociais produzem subjetividades e seus efeitos constituem os sujeitos. Por isso decorre a importância de conhecer as técnicas de si, os saberes, desenvolvidos sobre si para, assim, conhecer os processos de objetivação e subjetivação, que se encontram entrelaçados com práticas sociais.

Aqui cabe o questionamento: o que significa a expressão "cuidar", "cuidar de si mesmo", "si mesmo"? Essa expressão está vinculada a quatro diferentes situações:^{19:55-75} a) ao seu desejo de exercer poder; b) à deficiência de sua educação (escolar e amorosa); c) à sua relação com seu mestre; d) à consciência de sua ignorância. O cuidado de si envolve o cuidado do outro.¹ Para se ter condições de fazer negociações e trocas consigo ou com os outros esses indivíduos necessitam de orientações e liberdade, pois todo esse processo é construído nas diferentes relações sociais, ou seja, é historicamente construído.

Vê-se, assim, como o cuidado de si constitui-se como um atributo e uma necessidade universal dos seres humanos, regido por princípios de aplicação geral, embora orientado para uma prática de escopo e responsabilidades individuais, especialmente quando o enfoque está na pessoa com deficiência.

Existem quatro tipos de tecnologias, que aparecem entrelaçadas entre si e compõem a nossa subjetividade.¹⁹ Essas tecnologias funcionam sempre em conjunto, produzem conhecimento e poder, são elas: tecnologias de produção que permitem transformar, produzir ou manipular coisas; tecnologias de sistemas de sinais que utilizam signos, sentidos, símbolos e significações; tecnologias de si ou tecnologias do eu por meio das quais o indivíduo, por si mesmo ou com a ajuda dos outros, realizam certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamento e condutas, obtendo assim uma autotransformação, que teria como principal objetivo alcançar certo estado de felicidade, sabedoria ou pureza. As tecnologias de si tem uma tarefa constante de auto-superação. Dessa forma, para a pessoa com deficiência essa tecnologia de cuidado permite-lhe construir sua autonomia, criando uma relação satisfatória consigo e aumentando sua capacidade de resistência perante o poder.²⁰

A ênfase no alcance do autocuidado, entendido como o cuidado de si, uma tecnologia do eu e do governo de si, fundamenta-se na possibilidade do indivíduo passar a ser reconhecido como sujeito dotado de vontade própria, em uma conduta relacional, onde o outro é reconhecido como legítimo outro na convivência.⁴

Para chegar a essa discussão, nas obras História da Sexualidade II e III e Tecnologias do Eu, Foucault percorre, principalmente, as práticas cotidianas da Antiguidade, orientadas à relação consigo, às formas pelas quais os sujeitos se relacionavam consigo mesmos. Em determinados momentos, essas formas configuravam-se como tecnologias de cuidados de si, exercícios que operavam certo modo de relacionar-se consigo e, por conta disso, de constituir um si. A história do cuidado e das técnicas de cuidado de si seria uma maneira de fazer a história da subjetividade através do empreendimento e das transformações, na cultura e das relações consigo mesmo.²¹

Na lógica da pessoa com deficiência, há que se considerar que a sensorialidade corpórea não está imersa apenas em fatores biológicos; está interpenetrada de história. Assim, foi durante o processo de saúde-doença, inclusão e exclusão do portador de deficiência ao longo da história, várias foram às tecnologias de si, tecnologias de cuidado de si e de subjetivação.

As estratégias de enfrentamento presentes no cuidado de si contemporâneo passam a se manifestar nas lutas transversais encabeçadas por grupos historicamente marginalizados, como as pessoas com deficiências. Tais lutas possuem a finalidade de fazer o sujeito realizar um trabalho de si sobre si mesmo, que lhe confere a possibilidade de transformação tanto do pensar quanto do agir.¹⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É justamente num cotidiano carregado de ambigüidades que as pessoas com deficiência vêm escrevendo a sua história. É através das desordens desse corpo que procuramos refletir sobre os diferentes olhares existentes em embate para a construção de um evento historicamente circunscrito: a pessoa com deficiência e o cuidado de si.

Concluimos que Foucault não pretendeu analisar comportamentos, nem ideais, sociedades e suas ideologias, mas as “problematizações” através das quais o indivíduo se dá como podendo ser pensado, e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam.

Assim, refletir sobre a realidade da pessoa com deficiência é repensar os lugares de produção das subjetividades. Destacando-se que essa análise da produção de subjetividades proporciona uma experiência de si entendida e derivada da preocupação com o outro. É



preciso compreender que essa pessoa pode dominar-se, transformar-se na relação consigo, buscando sua autonomia e independência através de práticas de cuidado de si.

Podemos afirmar ser necessário romper com o conceito de subjetividade, em defesa de uma perspectiva do cuidado de si, enquanto uma instância que oportuniza a relação e o desenvolvimento da pessoa com deficiência consigo e com os outros. Dessa forma, permitindo-se novos modos de viver e de pensar sobre si mesmo.

REFERÊNCIAS

1. Foucault M. História da sexualidade 3 - o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal; 1985.
2. Maturana H. História da sexualidade 2 - o uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Graal; 1984.
3. Icle G. Estudos da presença: itinerários interdisciplinares para a pesquisa nas artes do espetáculo. *Trama Interdisc.* 2010; 1:21-9.
4. Maturana H. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG; 1998.
5. Travassos C. Fórum: equity in access to health care. *Cad. saúde pública.* 2008; 24(5): 1159-61.
6. Maturana H. Formação humana e capacitação. Petrópolis (RJ): Vozes; 2000.
7. Pessoti I. Deficiência mental: da superstição à ciência. São Paulo: Editora universidade; 1984.
8. Alves AT et al. Educação especial. In: Proposta curricular. Secretaria de Educação e Desporto. Florianópolis: SED; 1997.
9. Aranha MSF. Integração social do deficiente: análise conceitual e metodológica. *Temas em Psicologia.* 1995; (2): 63-70.
10. Farias AM. A construção da cidadania como foco na assistência de enfermagem à criança com necessidades especiais e sua família. Florianópolis: [s.n.], 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
11. Ayres JRCM. Care and reconstruction in healthcare practices. *Interface (Botucatu).* 2004; 8(14):73-92.
12. Rogério FAE. A genealogia em Foucault. *Psicol estud.* 2004; 9(3):403-16.
13. Maia MAB, Osorio C. Trabalho em saúde em tempos de biopoder. *Arq bras psicol.* 2004; 1:69-79.
14. Barracho JA. A pobreza e a luta contra a exclusão social: a cidadania degradada. Belo Horizonte, 1990 .
15. Azevedo PH, Barros JF. O nível de participação do Estado na gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. *Rev bras. ciênc mov.* 2004; 12(1):77-84.
16. Foucault M. Resumos dos cursos do Collège de France (1970-1982). Tradução: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar; 1997.
17. Cruz A. A inconformidade dos corpos e a doença no espaço público. [acesso em 05 mai 2011]. Disponível em: <http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n2/ensaios.php>
18. Ortega F. The biopolitics of health: reflections on Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. *Interface (Botucatu).* 2003; 8(14):9-20.
19. Ministério da Saúde (BR). Manual de legislação em saúde da pessoa com deficiência. 2. ed. Brasília (DF): Editora do Ministério da Saúde; 2006.



20. Foulcault M. Hermenêutica do sujeito. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes; 2004.

21. Bernardes AG, Guareschi NMF. Trabalhadores da saúde mental: cuidados de si e formas de subjetivação. *Psicol USP*. 2004; 15(3):81-101.

Data de recebimento: 20/04/2011

Data de aceite: 17/06/2011

Contato com autora responsável: Rua Delminda Silveira 363 apto 303. Agrônômica. Florianópolis. Santa Catarina.

CEP: 88025-500

E-mail: julibreis@hotmail.com